



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

FERNANDA PEREIRA MONTEIRO

**AS PERSONAGENS FEMININAS DE MACHADO DE ASSIS: HELENA E CAPITU,
APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS**

CAMPINA GRANDE - PB

2015

FERNANDA PEREIRA MONTEIRO

**AS PERSONAGENS FEMININAS DE MACHADO DE ASSIS: HELENA E CAPITU,
APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS**

Monografia apresentada a Unidade Acadêmica de
Letras da Universidade Federal de Campina
Grande como requisito parcial para a obtenção do
título de graduanda.

Orientadora: Prof. Ms. Aluska Silva Carvalho

Campina Grande - PB

2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

M775p Monteiro, Fernanda Pereira.
As personagens femininas de Machado de Assis : Helena e Capitu, aproximações e distanciamentos / Fernanda Pereira Monteiro. – Campina Grande, 2015.
46 f.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Profa. Ms. Aluska Silva Carvalho".
Referências.

1. Literatura Comparada - Personagens Femininas. 2. Machado de Assis - Helena e Capitu. 3. Identidade. 4. Submissão. 5. Resistência. I. Carvalho, Aluska Silva. II. Título.

CDU 82.09-055.2(043)

Fernanda Pereira Monteiro

**AS PERSONAGENS FEMININAS DE MACHADO DE ASSIS: HELENA E CAPITU,
APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão de curso.

Aprovada em : _____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Prof^ª. Ms. Francielle Suenia da Silva

Prof^ª Ms. Paloma do Nascimento Oliveira

Campina Grande - PB

2015

AGRADECIMENTOS

A professora que me acolheu como orientanda Aluska Silva Carvalho.

Ao professor José Helder Pinheiro, pelas observações feitas que foram incorporadas a este trabalho e que contribuíram para este resultado.

A minha família agradeço pelo amor e por todos os anos de empenho na minha formação e criação, em especial ao meu pai que em todos os momentos da minha vida desde os meus primeiros passos sempre me apoiou.

A Álvaro, meu companheiro e amigo, pelo carinho e afeto que em momento algum me deixou faltar.

As minhas amigas Ana Cláudia, Joseane Martins, Stella Soares que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado nos momentos em que a caminhada tornou-se, por vezes árdua.

RESUMO

As personagens femininas de Machado de Assis são criações únicas, em particular as personagens de nossa análise Helena, pertencente a obra *Helena*, e Capitu, pertencente a obra *Dom Casmurro*. No período de criação destas personagens, a mulher carregava uma forte responsabilidade de submissão e resistência frente à sociedade de seu tempo, porém, estas personagens femininas têm sua participação de forma ativa na trama textual, cumprindo papéis importantes e determinantes na estrutura do enredo, ao contrário do que era costume da realidade da época. A fim de solidificar esta pesquisa, foram observados os períodos literários aos quais essas personagens femininas pertencem, já que Helena faz parte da primeira fase do escritor e Capitu pertencente à segunda fase. De modo a situarmos teoricamente nossa pesquisa, utilizamos características como valores, conduta, casamento, segredos e o próprio comportamento das personagens serão considerados e analisados com o intuito de constatar os distanciamentos e aproximações em relação as suas construções. Se em determinado momento do enredo da obra *Helena* nos deparamos com uma personagem idealizada aos moldes românticos, em outro nos deparamos com Capitu da obra *Dom Casmurro* com um perfil propriamente realista, entretanto verificamos que ambas possuem traços de mulheres resistentes às imposições sociais do nosso sistema patriarcal. Sendo assim, visualizaremos como Machado de Assis arquitetou estas personagens, que fazem parte da nossa literatura brasileira, apontando os contrastes e semelhanças existentes entre estas personagens. De modo a situarmos teoricamente nossa pesquisa, utilizamos Coutinho (1995), Pacheco (1968), no que diz respeito ao estudo da literatura no Brasil levando-se em consideração os períodos Romântico e Realista Bosi (1972), com a finalidade de situar as características gerais das escolas literárias em estudo. Incao (2000), Sacramento, Santos (2011) Mary Del Priore (2000) Segato (1998) para evidenciar o comportamento da mulher no período de construção das personagens. Brait (1985), Candido (2000), sendo levado em consideração o estudo da personagem no campo ficcional. Hall (2005) para auxiliar na análise da identidade das personagens, Schwarz (1997), um dos críticos da obra de Machado de Assis. Através de sua linguagem literária, as obras Machadianas permanecem em destaque em nossa literatura. Temas como problemas sociais, a representação da figura feminina de acordo com a sociedade vigente da época, são evidenciados pelo autor fugindo dos estereótipos, ele envolve os seus leitores lado a lado, com o seu domínio narrativo que lhe permite construir e simular a tradição da época.

Palavras-chave: Capitu, Helena, identidade, submissão, resistência.

ABSTRACT

The female characters of Machado de Assis are unique creations, in particular the characters of our analysis Helena, that belongs to *Helena* (1876), and Capitu, from the novel, *Don Casmurro* (1899). The period of creation of these characters, the woman carried a strong responsibility of submission and resistance against the society of his time, however, these female characters have their participation actively in the textual plot, fulfilling important and leading roles in the plot structure, on the contrary to what was the custom of the reality of the time. In order to solidify this research, it was observed on this research the literary periods were observed to which these female characters belong, once Helena is part of the first phase of the writer and Capitu belonging to the second phase. On the way to situate our research theoretically, we use characteristics such as values, conduct, marriage, secrets and the behavior of the characters will be considered and analyzed in order to find the differences and approaches in relation to their buildings. If at some point in the plot from the novel *Helena* we encounter a character conceived the romantic mold, in another we find Capitu, from the novel *Dom Casmurro*, with a properly realistic profile, however we find that both have women traits resistant to social constraints of our system patriarchal. Thus, we see how Machado de Assis devised these characters, who are part of our Brazilian literature, pointing out the contrasts and similarities between these characters. In order to situate theoretically our research, we used Coutinho (1995), Pacheco (1968), with regard to the study of literature in Brazil taking into account periods Romantic and realistic – Bosi (1972) –, in order to situate the general features of literary schools in study. Incao (2000), Sacramento, Santos (2011) Mary Del Priore (2000) Segato (1998) to show the woman's behavior in the characters construction period. Brait (1985), Candido (2000), taking into consideration the study of the character in the fictional field. Hall (2005) to assist in the analysis of the characters identity, Schwarz (1997), one of the critics of Machado de Assis's novels. Through his literary language, Machado's novels remain highlighted in our literature. Topics, such as social problems, the representation of the female figure in accordance with current society of the time, are evidenced by the author running away from stereotypes; it involves his readers side by side with its narrative domain that allows to build and simulate the tradition of time.

Keywords: *Capitu*, *Helena*. Identity. Submission. Endurance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
PERCURSO METODOLÓGICO	10
CAPÍTULO 1: PERÍODO DE CONCEPÇÃO DAS PERSONAGENS	12
1.1- O Romantismo e o cenário da época	12
1.2- O Realismo e o cenário da época	14
1.3- A condição da mulher no século XIX.....	17
CAPÍTULO 2: HELENA E DOM CASMURRO: APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO	20
2.1- A mulher Machadiana na primeira e segunda fase do escritor: Características e identidade	24
2.2- Casamento como forma de libertação e ascensão social	32
2.3- Moral duvidosa.....	36
2.4- O segredo declarado e o inconfessável	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

Introdução

Machado de Assis é o escritor brasileiro considerado pela crítica como um dos maiores nomes da literatura nacional. Suas primeiras publicações são classificadas como românticas, sendo o amor e os relacionamentos amorosos os principais temas de sua obra, neste período. O livro “*Helena*” é classificado como romântico, pois seu enredo possui características próprias da época, como afirma Proença (2014) a perícia do escritor soube tramar de forma a prender a curiosidade do leitor e levá-los a suposições quase sempre, falsas, para maior sucesso da revelação final.

A segunda fase abre espaço para as questões psicológicas dos personagens retratando as características do realismo literário no qual o autor faz uma análise profunda do ser humano, “*Dom Casmurro*” é uma das produções do autor neste período. Ao fazer este levantamento de dados percebemos as transformações pelas quais as personagens femininas Helena e Capitu que passaram de um período para o outro, levando traços de períodos anteriores, como também inovadores, incorporando temas e comportamentos pertencentes a outras correntes estéticas, por meio destas figuras femininas Machado nos apresenta mulheres que retratavam muito bem as relações patriarcais do século XIX, embora todas as regras estipuladas da época em relação às mulheres a proibissem de ter certa influência social, pois estas deveriam ser apenas boas donas de casa e chefes do lar, Helena e Capitu possuíam tanto estes atributos, quanto outros, pois são personagens dotadas de cultura e sabedoria.

Como já foi citada, a sociedade da época é retratada nas obras de acordo com o que estava ocorrendo no período de sua criação, desta forma sendo um período de forte patriarcalismo a mulher deveria ser submissa e quando não seguia as normas impostas era-lhe atribuídas qualidades negativas. Capitu e Helena destoam em alguns pontos, no que diz respeito aos seguimentos destas normas, pois suas atitudes e comportamentos demonstram mulheres fortes e obedientes, mas quando se tratava da conquista de seus objetivos as regras eram facilmente burladas.

Partindo desses pressupostos, o presente trabalho tem como finalidade observar como são caracterizadas as personagens Capitu e Helena, dos romances “*Dom Casmurro*” e “*Helena*” de Machado de Assis. Serão analisadas como foram construídas as atitudes e os comportamentos usados na elaboração das personagens observando o contexto de produção das obras. Para tanto de forma específica, vamos descrever as atitudes e ações que constituem,

as características das personagens; comparar as atitudes de ambas em contextos parecidos; observar possíveis aproximações e distanciamento em sua construção; por fim, constatar como os outros personagens as observam no espaço da narrativa.

O fato de estarmos trabalhando a análise de personagens de um autor já considerado como cânone literário justifica-se por alguns motivos: O primeiro reside no fato de Machado de Assis conseguir uma atemporalidade em suas produções, por ser um escritor, que se aproxima das questões sociais do seu tempo e da contemporaneidade acompanhando a evolução da sociedade patriarcal brasileira, questionando os valores sociais vigentes. E a segunda é que, observando os perfis femininos em seus romances, estigou-nos analisar como eles se diferenciavam já que foram escritos em períodos literários diferentes, bem como a relevância dada ao gênero feminino, alvo de tantas reflexões às vezes nem tão positivas tanto da sociedade quanto na literatura.

Dado que um dos principais temas dos romances de Machado é a questão social feminina críticos a exemplo de Schwarz (1997) consideram que a mulher é a protagonista nas obras do autor, sendo a essência de seus romances. Sendo assim as suas mulheres são apresentadas de forma sensual impulsionada por seus desejos como Capitu, e mulheres idealizadas, a exemplo de Helena é importante frisar que mesmo tendo atributos diferentes ambas são acusadas, por infidelidade, entretanto Helena consegue justificar-se, mas Capitu não, fato que segundo a crítica ocorre, porque o narrador de Dom Casmurro é um narrador menos confiável, pois o livro é escrito em primeira pessoa, o que não abre espaço para a voz de Capitu já o romance “Helena” é escrito em terceira pessoa, que é classificado como um narrador menos desconfiável.

Em relação à estrutura dos romances, observamos que eles possuem múltiplas significações, pois Machado reconstrói o contexto histórico de forma a demonstrar mazelas e hipocrisias da sua época e estas adversidades são retratadas através de uma linguagem cheia de ironia e ambiguidade, que rompeu, e rompe, com as tradições literárias de sua época, sendo, portanto, alvo de estudos e análises mesmo dois séculos após sua produção.

Metodologia

A metodologia utilizada nesta pesquisa consiste na análise de base comparativa e analítica das personagens Capitu e Helena, criações de Machado de Assis, nas obras, *Dom Casmurro* e *Helena*, respectivamente. Conforme aborda Salvatore (1999) daremos um enfoque temático na análise das personagens femininas através das suas condições sociais, semelhanças e particularidades, portanto nesta pesquisa, será feita uma subdivisão dos textos, para encontrar seus elementos constitutivos nos “motivos” distinguindo os elementos “associados” indispensáveis para a compreensão da obra, motivos “livres” a disposição artística, e os motivos “dinâmicos”, que dizem respeito ao fazer das personagens. A partir da conjunção destes motivos, que são suportes da mesma significação, será constituído o tema referente à interpretação da obra em sua totalidade, para tanto a teoria e a análise seguiram juntas nesta pesquisa.

Para situar as obras e os períodos de criação das personagens será apresentada a leitura sobre a fortuna crítica de ambas, a partir dos autores Bosi (1972), Schwarz (1997), Pacheco (1968), Proença (2014), Cintra (1997), D’Incao (2000) Coutinho (1995). Após situar o contexto de criação das obras supracitadas, se fará uma releitura dos romances observando os elementos caracterizadores de Capitu e Helena, a partir de uma análise com base nos elementos estruturais da narrativa com destaque para a construção das personagens; será observado como elas estão retratadas nas obras, sua realidade sociocultural, os princípios ideológicos e os padrões éticos sociais do espaço e do tempo final do século XIX início do século XX.

Através do levantamento de dados desta pesquisa, investigaremos como as ações destas personagens constroem um dizer a respeito de seu caráter, observando como suas vozes são ouvidas no espaço pertencente à narrativa e se estão de acordo com as convenções do período em que elas foram criadas. Analisaremos também as semelhanças e as diferenças entre as personagens, no que diz respeito a esta passagem do período romântico para o realista.

Na construção analítica das personagens, consideraremos também, os posicionamentos de outros personagens a respeito da personalidade de Capitu e de Helena e o modo como se deram seus relacionamentos entre familiares, e, por conseguinte, todas as estratégias desenvolvidas para conquistar seus objetivos no que diz respeito a sua ascensão social e a

constituição dos seus relacionamentos, contrapondo os motivos que se repetem nas duas personagens, como o casamento, visto como forma de fuga da realidade e a investigação de um possível caráter misterioso e escorregadio.

Capítulo 1: Período da construção das personagens

Situar o período de construção das personagens Helena e Capitu, pertencentes à obra *Helena e Dom Casmurro*, é necessário para que possamos entender as modificações que a produção literária passou ao longo da criação de um romance para o outro. É importante ressaltar que as datas estabelecidas para um determinado período, são recursos usados para promover o seu estudo, já que é inverossímil o estabelecimento preciso de quando iniciou-se ou terminou um período.

Um estilo de época também não deixa de existir por completo, pois a passagem de um período para outro não é tão rápida. Ideais adotados em um período podem ser aproveitados por outros estilos literários que fazem uma releitura ou uma reinterpretação de textos já escritos. Por estas razões o entendimento destas duas escolas literárias é importante, pois através dessa compreensão temos uma visão geral do período de construção destes dois romances. O estudo da condição da mulher no século XIX além destes fatores é necessário para que o leitor conheça o modelo de sociedade que estas personagens foram criadas.

1.1 O romantismo e o cenário da época

Machado de Assis diferencia-se, por sua atividade contínua, desdobrando-se em romances, poesias, críticas, crônicas. A qualidade de suas obras segundo Pacheco (1968) cresce sempre em qualidade até alcançar o ápice. Machado renovou a literatura brasileira influenciando outros escritores. Seus romances fazem um jogo de mistérios e verdades, que surgem em meio das entrelinhas. Em seus primeiros romances, Machado demonstra uma preocupação excessiva com os seus personagens, de acordo com Pacheco (op. cit.), o autor se preocupa mais com o caráter dos personagens do que com a trama da narrativa ou descrição dos costumes. Desta forma, seus personagens são mais reflexivos e agem pouco no espaço da narrativa, sendo descritos através de seu interior e exterior de forma detida, os acontecimentos da narrativa são guiados pelo autor por meio desses recursos seguindo um tempo contínuo.

Por vezes a narrativa remonta ao tempo, para esclarecimento de fatos que foram deixados obscuros. Mas ocorre sempre um sentimento de subordinação ao tempo, cuja passagem se sente ao fundo dos seres e das coisas. (PACHECO, 1968, p.36-37)

Diferente dos romances da primeira fase, os da segunda desprendem-se da ordem cronológica da sua narrativa, sendo seus personagens então descritos com mais objetividade. No romance *Dom Casmurro*, por exemplo, a memória de Bentinho é o que guia os personagens e os fatos. Outra circunstância que deve ser analisada, é que seus personagens românticos ou realistas, giram em torno de um acontecimento específico, como um casamento, que pode ser por amor, ou por interesse.

As personagens femininas de acordo com Pacheco (op.cit, p.43) “se entrecortam não raro de vago desejo de aventura, obstinação de vontade assomo misteriosos de caprichos” adquirindo o status de mulheres misteriosas, que estão dispostas a quase tudo, para alcançar seus objetivos”. Tomando o conto *Miss Dollar* de Machado de Assis, como exemplo, temos a mocinha Margarida, uma jovem viúva, que luta contra seus sentimentos de amor, para se defender de possíveis maridos interesseiros. Emília, mocinha do conto *Linha reta e linha curva*, é uma mulher que tem clara consciência do que quer, por isso, deixa-se levar pelo jogo de sedução, com Tito seu par no conto. Sendo assim percebemos que embora os contos tenham sido escritos em períodos diferentes, ambos trazem mulheres descritas exatamente como Pacheco (op. cit.) relata personagens fortes, que renunciam a felicidade, para realizar seus desejos.

A primeira fase de Machado de Assis é considerada romântica, período que consiste em transformações opostas às tradições neoclássicas setecentistas, sendo um movimento simultâneo e uniforme com características diferenciadas e gerais. Refletindo o inconformismo humano em relação ao intelectualismo de forma geral dos temas dominantes, em vez de fazerem uso da razão o que prevaleceu foi à emoção o sentimento, a imagem e a sensibilidade.

A noção de natureza e seus corolários – a bondade natural, a pureza da vida em natureza, a superioridade da inspiração natural, primitiva, popular, atraem cada vez mais o interesse e o pensamento dos homens. (COUTINHO, 1995, p.141)

A narrativa, para os escritores deste período, tinha como objetivo o conhecimento da realidade por intermédio da fantasia, pois mantinham suas crenças voltadas para a imaginação o que lhes possibilitavam uma extraordinária capacidade de criar mundos, acreditando nas suas próprias realidades entrando em mundos invisíveis confiando no diferente buscando sua satisfação na natureza, no pitoresco e selvagem sendo impulsionados pela fé a liberdade tendo a alma, o inconsciente, a emoção e a paixão, como suas fontes de inspiração idealizando a

realidade em vez de produzi-la. Na união do realismo com o sentimentalismo surge a necessidade de fugir da realidade ver além da razão.

Daí o senso do mistério a atitude de sonho e melancolia, de angústia e pessimismo, que carregam para o romantismo os temas da morte, desolação, ruínas, túmulos, o gosto das origens e o “mal do século”. (Idem, ibidem p.144)

O mundo é retratado através da personalidade do artista, que é atraído pelo mistério da aparência, a emoção em vez da razão é o que comanda o espírito romântico. A natureza é o lugar denominado como puro capaz de proporcionar cura física e espiritual servindo de fonte de inspiração. Os escritores eram caracterizados, por sua individualidade sendo seus personagens retratados de forma complexa, mas dotados de naturalidade e senso de humanismo. A simples exposição da realidade não aguçava os romancistas, que optavam por reunir traços variados e diversos na construção de suas obras. A linguagem era simples e ao mesmo tempo rica sem renúncia da sintaxe e da disciplina poética.

O romantismo no Brasil assumiu características e traços próprios retratando a natureza de forma expansiva demonstrando todas as riquezas do nosso país reivindicando e valorizando a linguagem brasileira. Adquirindo a adesão de gerações sucessivas, diferenciando-se do ponto de vista ideológico e temático reunindo elementos formais e espirituais variando de acordo com as gerações, os temas, o sentimento e a tonalidade. Há também o envolvimento de aspectos políticos e culturais, pois no Brasil ocorria o movimento pela independência e democracia, de acordo com Coutinho (1995) a literatura romântica foi, portanto, uma arma de ação política e social, desde a independência. Sendo assim, esse movimento aumentou os horizontes literários, pois seguia na direção de uma inspiração nacional e local tentando encontrar através da arte e da literatura as origens próprias de nosso país transpondo, nossa maneira de sentir o mundo, de transmitir nossos sentimentos e reações. Desta forma, os escritores brasileiros não precisavam mais buscar inspiração em Portugal, pois a literatura brasileira já tinha bases sólidas.

José de Alencar foi um importante percussor desse movimento em nosso país seguindo os passos dele, Machado de Assis espelhou-se para construir algumas obras. Na transição do realismo para o romantismo, a produção literária em nosso país aumentou, sendo assim muitos escritores fizeram parte dos dois períodos literários e é justamente sobre este aspecto que Machado faz uma importante reflexão.

Gente que mamou leite romântico pode meter o dente no rosbife naturalista; mas em lhe cheirando a teta gótica e oriental, deixa o melhor pedaço da carne para correr à bebida da infância. (ASSIS apud COUTINHO, 1995, p. 177).

Seguindo esses pressupostos o processo de construção de uma nova literatura estava completo encontrando o momento de sua ascensão, mas como o próprio Machado de Assis ressalta, embora não só ele, mas outros autores também, não deveriam ter receio de voltar as suas origens literárias, desde que sentisse vontade.

1.2 O Realismo e o cenário da época

O cenário brasileiro, na passagem do Romantismo para o Realismo, sofreu significativas mudanças que possibilitaram ao Realismo encontrar um momento propício para estabelecer-se, e é nesse contexto que surge a segunda fase das obras de Machado de Assis. O Realismo foi um movimento específico do século XIX, de acordo com Coutinho (1995) este movimento surgiu a partir da união do espírito à vida, pela objetiva pintura da realidade. No início do século XIX adentrando para o século XX foi o período no qual o Brasil presenciou o surgimento de diversas correntes literárias, a saber: Romantismo, Realismo, Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo. Cronologicamente, o romantismo mal tinha acabado e o Realismo já começava, conseqüentemente, adquirindo elementos que faziam parte do estilo anterior e rompendo com outros. Diversas correntes literárias acabaram influenciando-se, como por exemplo, as ideias Realistas possuíam traços semelhantes com outras escolas literárias, a exemplo do Parnasianismo e o Naturalismo. De acordo com Coutinho (2008),

A periodização depende da teoria da literatura, da teoria da evolução literária e da evolução humana. Os períodos não devem ser meros nomes ou etiquetas arbitrárias, nem seções de tempo puramente mecânico ou didático, sem ligação com o conteúdo ou a realidade interna das épocas e as forças imanentes que as geraram e dirigiram. (COUTINHO, 2008, p.26)

O pesquisador então afirma que a cronologia é necessária, entretanto não deve ser datada com começo meio e fim, pois como ele próprio afirma: “não há começo nem fim abruptos em literatura, nem na história, nem na vida.” (*op. cit.* p.22.). A periodização literária em sua grande parte é de cunho político ou cronológico, mas o que deve ser compreendido é que esta divisão da história literária tem duas vertentes, a compreensão dos fatores que estão relacionados aos fenômenos literários torna-se mais fácil de ser compreendida, no entanto, a delimitação precisa dos períodos literários fica desalinhada, pois, em sua grande parte,

adquirem traços de períodos anteriores ou posteriores. Por conseguinte, é perceptível que o Romantismo, Realismo, Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo influenciaram-se seja para romper, seja para assemelhar-se.

Todavia, o realismo não tinha como proposta trazer nenhum traço do subjetivismo romântico tendo minúcia na descrição dos fatos e economia de linguagem, opondo-se comumente ao idealismo, pois a realidade deveria ser percebida como de fato é. Nessas circunstâncias, os realistas não tiveram receio de introduzir em suas obras o trivial cotidiano de pessoas humildes, assim como, os naturalistas que diferenciavam-se dos realistas, apenas por ter uma teoria peculiar de cunho científico.

É impossível uma definição completa do Realismo, que é antes um temperamento uma tendência, em estado de espírito, do que um tipo ou gênero literário acabado. Ele existe sempre que o homem prefere deliberadamente encarar os fatos, deixar que a verdade dite a forma e subordinar os sonhos ao real. Todavia, podem-se descrever as suas qualidades dominantes, as suas características principais. (COUTINHO, 1995, p.144)

Sendo assim, os realistas vão em busca de um objetivo fugindo do sentimentalismo, apresentando a vida sem seguir a linearidade dos acontecimentos, pois a vida é imprevisível. Como pontua Coutinho (op.cit.), qualquer motivo de conflito do homem com seu ambiente ou circunstante é assunto para os realistas, portanto seus personagens são descritos através de detalhes dando a impressão de que a própria realidade está sendo construída. Eles preocupam-se com a contemporaneidade, sendo seus enredos conduzidos de forma lenta, ocorrendo um resistente interesse, em retratar a sociedade abusando do cotidiano. Machado escrevia abrangendo as classes sociais ricas ou pobres, para mostrar os que tinham os mesmos valores ou divergiam, entretanto ele demonstra por meio de seus personagens que há um lado obscuro dentro de todos nós, como aponta Bosi (1972)

O movimento subterrâneo que vinha de longe se originava nas contradições das sociedades brasileiras do II Império, que os compromissos do período romântico já não bastavam para atenuar. (id, ibid,p.185)

O Machado de Assis Realista tem desejos nesta fase de objetividade abalando antigas formas de pensar contemporâneas. Seu tom irônico lhe ajudou no que diz respeito às suas obras construídas neste período, pois elas continham um diferencial, o humor irônico do autor em retratar as mazelas sociais, Bosi (1972, p.188), demonstra em seus estudos sobre este período que “o escritor realista tomará a sério seus personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivo de dissecar os móveis do seu comportamento” tomando como

exemplo os desejos de alguns personagens perceberemos que eles passaram a não terem mais vontades repentinas sem justificativa, mas uma necessidade própria do indivíduo e é exatamente o sistema de mesquinhez humana que Machado de Assis toma como ponto de referência para as suas reflexões apontando como destino inegável do ser humano o egoísmo deixando emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente tomando como exemplo o romance *Dom Casmurro* criado na fase Realista encontramos um de seus personagens, que possuem todas estas características como é o caso do agregado José Dias, pois mesmo demonstrando carinho a Bento tira proveito da situação em que encontrava-se como podemos verificar no seguinte fragmento .

Com o tempo, adquiriu certa autoridade na família, certa audiência, ao menos; não abusava, e sabia opinar obedecendo, ao cabo, era amigo, não direi ótimo, mas nem tudo é ótimo neste mundo. E não lhe suponhas alma subalterna; as cortesias que fizesse vinham antes do cálculo que da índole. (ASSIS, 1981, p. 44)

Não percebemos mais personagens divinos a cumprir missões ou afirmar a própria vontade, há apenas o destino que sujeita todas as pessoas, destinos muitas vezes descritos sem grandeza. Machado de Assis então atingiu o ponto alto da nossa literatura brasileira, no período Realista, mas como aponta Bosi (1972, p. 203) “ele não deve ser transformando em ídolo; isso não conviria a um autor que fez da literatura uma recusa assídua de todos os mitos.” Pois em seus enredos Machado de Assis fez a escolha de colocar personagens, que não se empenham em demonstrar interesse absoluto nem no ódio nem no amor, mas na indiferença absoluta. O que conduz seus personagens são as mazelas sociais, isto é, as condições do período em que foram criados que os levam a cometer atos de crueldades terríveis, pois em sua obra realista não há indivíduo bom ou mal, mas personagens com sede de ascensão social.

1.3 A condição da mulher no século XIX

A importância de se estudar sobre a condição da mulher no século XIX, deu-se em decorrência do objetivo de conhecer o período de criação das personagens Helena e Capitu e acentuar que as mulheres, nesta época, sofriam (e ainda sofrem) diversas formas de preconceitos, seja na literatura seja na vida. Segundo as pesquisadoras Sacramento, Santos (2011), essas ideias eram endossadas pela a igreja católica e as ciências, pois ambas advertiam a sociedade, que a mulher deveria reservar-se apenas a função de procriar e aos afazeres domésticos e na grande maioria das vezes, não podiam estudar e quando estudavam, sua educação resumia-se às primeiras letras. A igreja exercia forte controle sobre o comportamento da figura feminina. No matrimônio, o controle da Igreja era de promover a

contenção do desejo, e a submissão da mulher com relação ao seu marido e ainda havia o controle médico e paternal.

Como a literatura aborda os conflitos e interesses sociais, observamos de igual modo, que Machado de Assis ao retratar a situação das mulheres do século XIX em seus romances, apresenta críticas veladas à sociedade, retratando hipocrisias e mazelas sociais. José de Alencar que foi o iniciador dos movimentos de renovação da nossa literatura introduziu os temas que ressaltavam o comportamento que as mulheres desta época deveriam ter, em alguns de seus romances, como por exemplo “*Senhora*” a protagonista é uma mulher, que como, as duas personagens Helena e Capitu criadas, por Machado, buscam apresentar, fielmente como os comportamentos das mulheres brasileiras deveriam ser neste período. E é exatamente a imagem deste Rio de Janeiro, que Maria Ângela de Incao faz uma importante reflexão.

Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível. Verdadeiro emblema desse mundo relativamente fechado, a boa reputação financeira e a articulação com a parentela como forma de proteção ao mundo externo também marcam o processo de urbanização do país. (INCAO, 2000, p. 223)

Incao, frisa em sua pesquisa que o Rio de Janeiro, do século XIX deveria se parecer com a Europa e não era só a cidade que deveria seguir estes modelos, as mulheres também deveriam imitá-los, desta mesma forma, a autora apresenta os motivos pelos quais elas não deveriam andar desacompanhadas pelas ruas devendo casar-se cedo para, e o marido deveria ser escolhido de acordo com os interesses financeiros das famílias, do noivo ou da noiva.

Nessas circunstâncias há diversos antagonismos, que se estabelecem devido aos relacionamentos impostos pela sociedade e os sentimentos que se desenvolviam naturalmente entre os personagens criados por Machado de Assis. Incao (*op. cit.*), também aponta que o casamento entre famílias ricas e burguesas era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do *status* (ainda que os romances alertassem, muitas vezes, uniões “por amor”) a partir desses modelos o noivado de Helena e o casamento de Capitu são retratados como sendo um verdadeiro jogo de interesses imposto pelas convenções sociais da época.

O casamento era retratado por Machado como um negócio, um verdadeiro jogo de interesses no qual a mulher “ideal”, segundo os padrões vigentes tinha, como obrigação procriar, ser carinhosa e excelente dona de casa e quando não seguia esses dogmas, era deixada por vezes em segundo plano, pois os homens eram dependentes da imagem, que as

suas mulheres transmitiam. A autoridade familiar era regida apenas pelo marido ou pelo pai. Outro fato que deve ser evidenciado é o de que, a mulher além de ser submissa ao seu pai, irmão, marido e ao sistema social, como já foi citado, a igreja também exercia um forte controle sobre a mulher. A pesquisadora Mary Del Priore (2000), aponta que as preocupações com a pureza física e mental das mulheres extrapolaram os textos sacros e profanos e invadiram a mídia mais eficiente dos tempos coloniais, pois a ideologia burguesa desejava manter as mulheres em seus espaços domésticos, estes que deveriam ser buscados e cuidados por elas, para que desta forma assumissem e reconhecessem seu lugar perante a sociedade.

Sendo assim, a mulher passou a ser vista como uma figura restrita ao mundo doméstico e um dos fatos relacionados a esta concepção, como já foi citado antes, encontra-se nos dogmas pregados pela igreja católica, que colocava o homem como ser superior.

A igreja católica era quem exercia forte pressão sobre a sexualidade feminina com o argumento de que o homem era superior, pois ele representava Cristo no lar já que a mulher partilhava da essência de Eva, tinha de ser sempre controlada. Assim como Eva, toda mulher predispunha de um estigma para transgressão já que era um ser imperfeito. (SACRAMENTO;SANTOS, 2011, p. 3).

Desta forma, a mulher carrega o peso de sua sexualidade devendo ser vigiada de perto por todos os seus familiares comunicando todos os seus passos, tendo também que aprender a se portar em público, pois contribuía para a ascensão social de sua família através de sua postura como anfitriã esposa e dona de casa, entretanto, a autoridade como lei sempre ficava sob a responsabilidade de seu marido. A sua honra nas camadas superiores da sociedade era protegida, entretanto nas camadas populares, caso não respeitasse as regras impostas pela sociedade a separação era a solução mais escolhida.

Os cuidados e a supervisão da mãe passam a ser muito valorizados nessa época, ganha força a ideia de que é muito importante que as próprias mães cuidem da primeira educação dos filhos e não os deixem simplesmente soltos sob influência de amas, negros ou “estranhos moleques” da rua. (id, ibid,p. 5)

A mulher jovem da época então deveria se cuidar bem e viver trancafiada em sua casa, pois deveria preservar sua virgindade. De acordo com as autoras essa preservação deveria ocorrer, porque a virgindade representava uma aliança política e econômica. O final do século XIX foi marcado, pela busca das mulheres em adquirir os direitos dos quais estavam privadas e deixar de ser vista apenas como objeto de satisfação dos interesses particulares da figura masculina, por serem desprovidas de qualquer direito ou autonomia. Entretanto, a única forma

de conseguir sua independência como já foi ressaltado, era contrair casamento, sendo sua educação restrita às atividades consideradas úteis, para o ambiente doméstico.

No início do século XIX, o estudo da condição da mulher em sua vida cotidiana ganhou um novo olhar e estes estudos possibilitaram o reconhecimento da conduta ética diante da conjuntura brasileira de mulheres indígenas, negras e mestiças sendo o fator classe social filiado a esses estudos. De acordo com Segato (1998)

Tanto homens quanto mulheres no campo da filosofia, no campo da análise do discurso, da literatura comparada e das Ciências Sociais, entre outros, passaram a ver no gênero uma "cena" cujos personagens permitem entender e formular os processos inerentes à subordinação, à subalternidade. (id, ibid, p.2)

Sendo assim, a relação de gênero homem *versus* mulher passou a retratar as relações hierárquicas do mundo demonstrando os vínculos de poder na sociedade transpondo da ordem relativa do conhecimento, para a ordem das experiências a partir de cenas familiares, cotidianas que emergem na caracterização de traços masculinos e femininos, no desempenho de seus papéis característicos. No entanto, neste percurso, em todo o tempo, a mulher tentou participar ou até mesmo colocar-se em posição de autoridade, mas a ideologia, que vigorava e ainda hoje faz parte da rotina de muitas mulheres, as representa como subordinadas ao homem. Como aponta Segato (1998)

Com o advento das sociedades regidas por um estado moderno e a emergência da esfera pública como uma esfera totalmente separada, especializada na administração da sociedade, o seu tradicional controle pelos homens desembocaria na concentração de todos os domínios da vida social em mãos destes. Análises mais recentes mostram que a esfera pública moderna não somente constitui-se como um território exclusivamente masculino e não neutro, mas também como um domínio do homem branco, com posses e "moral", ou seja "normal" do ponto de vista da sua sexualidade (Warner apud SEGATO, 1998, p.7)

No perfil que a imagem da mulher e do homem ocuparam seja em uma cultura patriarcal, como no caso do Brasil ou em outras culturas, o homem era (e ainda é) visto como um sujeito, que fala, pensa, enquanto que a mulher é apenas um produto, que não tem a necessidade de pensar, demasiadamente não lhe era exigido que falasse. Apesar da inércia com relação às mudanças no que diz respeito a essa carga negativa, que já vem de muito tempo carregada pela figura feminina, com apenas algumas mudanças significativas, no tocante a subordinação temos como objetivo através desta pesquisa, mapear o período, referente à criação das personagens Helena e Capitu colocando em evidência as críticas nacionais sobre este período e demonstrando as particularidades que Machado de Assis apresenta por meio de cada uma, em relação aos preconceitos, a diferenciação de classes

sociais, que as levam a dissimular seus sentimentos e a acreditar em um casamento, como possível forma de ascensão social.

Capítulo 2: Helena e Dom Casmurro: aproximações e distanciamentos

Para uma compreensão adequada da análise das personagens em estudo é necessário conhecer as obras, que ambas fazem parte, atentando para o fato de que a obra *Helena* é classificada como romântica, entretanto é possível perceber insinuações da fase realista do autor, que solidifica-se em suas criações posteriores, como é o caso de *Dom Casmurro*. Adultério, casamento por conveniência, discriminação de classes sociais, perpassam os dois enredos que cotem capítulos curtos, no qual o autor expressa seu sarcasmo e sua ironia cheia de humor.

Helena é um livro que dentro das classificações historicistas é considerado romântico, com enredo peculiar a esta escola literária, repleto de mistérios, que a competência do escritor conseguiu maquiagem de forma a prender o leitor. De acordo com Proença (2014), Machado de Assis nos leva a suposições quase sempre falsas, para maior sucesso da revelação final. Helena, personagem homônimo à obra não foge dos padrões da típica mocinha romântica sendo definida com traços de santidade e idealização de uma mulher perfeita, para os arquétipos da época. O enredo possui intrigas complicadas, que se desenvolvem a partir de uma sequência arquitetada de episódios surpreendentes, tudo começa com a morte do conselheiro Vale e a vinda de Helena para a casa no Andaraí, casa esta que pertence à família Vale. A vinda da personagem, para esta casa se dá através do reconhecimento em testamento de Helena como filha natural do conselheiro, portanto declarada como herdeira a mocinha teve que se adaptar aos costumes da nova família.

A conquista da nova linhagem é imposta como a sua finalidade basilar no enredo D`Úrsula, sua suposta tia que não aceitava o reconhecimento de Helena como herdeira Dr. Camargo, médico e velho amigo íntimo da família e do próprio Conselheiro Vale, também apresentava-se hostil a toda a situação imposta, entretanto Estácio caracterizado como seu irmão a aceita antes mesmo de conhecê-la. O alvo dos capítulos iniciais é demonstrar Helena em atuação e de evidenciar, na prática os atributos que lhes são conferidos pelo narrador. A importância do reconhecimento de seus atributos é uma ferramenta usada pelo autor, para validar sua nova classe social de acordo com Cintra (1997):

O episódio da doença da tia, motivo de *performance* exemplar de Helena, pode ser apontado como prova decisiva de sua vitória: de um estado degradante de parente

recebida a contragosto, é promovida à condição de membro não só reconhecido, mas admirado pela família e seu círculo social. (Cintra apud ASSIS, 1997, p.)

Após a conquista da sua tia e da classe social a qual a moça foi fazer parte a sua jornada pode ser considerada até aqui bem-sucedida, entretanto, as principais barreiras ainda vão começar a surgir, pois o sucesso da conquista de D. Úrsula não ocorre com Dr. Camargo, pois este sente-se prejudicado com o reconhecimento de Helena como herdeira, após este reconhecimento, os planos de casar sua filha Eugênia com o único herdeiro do conselheiro Estácio seriam prejudicados e sabendo do segredo de Helena tenta chantageá-la a fim de apressar o casamento da sua única filha, entretanto não é Camargo o vilão fundamental dos conflitos entre o casal de protagonistas.

A partir do capítulo V, o casal de irmãos parece se envolver em uma difícil rede de sentimentos visivelmente incompreensíveis. O comportamento de Helena começa a apresentar sinais de ambiguidade, para o que era imposto à mulher da época, suas saídas desacompanhadas para visitar uma determinada casa e a descoberta de que a jovem recebia cartas nas quais Estácio não tinha a menor ideia de quem seria o destinatário começam a dar sinais de um mistério ao qual a jovem heroína, parece estar envolvida. O comportamento de Estácio passa por modificações também tornando-se condicionado a presença da suposta irmã chegando a demonstrar ciúmes, as confissões e atitudes de Helena também parecem revelar um amor mútuo entre ambos, mas o narrador não define ao certo a natureza dos sentimentos dos personagens.

A sequência do enredo tenta estabelecer a solução dos tantos segredos e da confusão amorosa protagonizada, mas só através da interferência do padre Melchior e Dr. Camargo, através da realização de um duplo casamento arrumado e incentivado, por eles, através das boas intenções do padre, Helena aceita ser cortejada e noivar com Mendonça, já com a chantagem feita por Camargo, o casamento de Estácio parece tomar rumo e chegar ao altar, se não fosse o destino traçado pelo autor, que leva os jovens a visitarem a madrinha de Eugênia que encontrava-se em um estado terminal. Ao decorrer destes dias, longe do irmão, Helena aceita noivar com Mendonça e é justamente estes fatos, que revelam os verdadeiros sentimentos de Estácio, que são confessados em um tom de desespero, sendo assim um dos mistérios do enredo que é revelado restando agora saber os motivos das intrigantes ações de Helena.

Através da marca irônica de Machado de Assis, o mistério não revelado por Helena é a descaracterização do incesto, pois a jovem não era filha biológica de Vale, mas sim de

Salvador o morador da casa a qual Helena ia visitar sempre que tinha oportunidades, o responsável pelos bilhetes recebidos, pela jovem. Após a revelação feita, o leitor começa a acreditar em um final feliz, ledo engano, para manter o status social da jovem e não causar um escândalo, a família decide sustentar a farsa principiada pelo testamento. Vendo todas as possibilidades de viver o seu amor serem frustradas ela entrega-se a morte.

Dom Casmurro é uma obra narrada em primeira pessoa, que tem em sua estrutura cenas que permutam aspectos do passado e do presente do mocinho Bento Santiago, esta obra ganhou o status de obra prima da literatura brasileira. Envolve aspectos da realidade social, como amor, ciúmes, amizade, religiosidade, traição, entre outros. Machado de Assis neste romance nos apresenta Capitu mais uma das suas personagens femininas, forte, decidida que sabe muito bem a que ponto deve chegar para conseguir seus objetivos.

Bento Santiago, começa a narrativa como um homem de idade, descrevendo ao leitor como ganhou o codinome de Dom Casmurro. O apelido foi criado por um jovem, que recitava versos falava da lua e dos ministros, como Bento não prestava atenção à leitura, o rapaz ficou aborrecido e criou o segundo nome do personagem, que foi aprovado por toda a vizinhança, pois os modos do senhor os irritavam, o próprio personagem gosta da alcunha e a escolhe como título, para a sua história. O narrador principia então o plano de lembrar suas existências, sendo assim o leitor é levado até a infância de Bentinho, quando ele vivia com a família num casarão na rua Matacavalos e era vizinho de Capitu.

Bento então demonstra-se perdido em suas lembranças da meninice, da casa onde cresceu, do quintal, do poço, dos brinquedos e pregões antigos, sem contar no apego a sua venerada mãe além da obsessão pela sua primeira namorada Capitu. O amor pela jovem começa desde criança, entretanto, como quase todos os romances, o casal de protagonistas teria que passar por dificuldades, para conseguir ficar juntos. A principal dificuldade, no início, era a promessa da mãe de Bentinho, de torná-lo padre, mas através de várias estratégias desenvolvidas, por Capitu, José Dias o agregado e Escobar o melhor amigo de Bentinho, o jovem conseguiu escapar do destino que lhe foi preparado. Sendo assim, forma-se em direito e casa-se com a companheira de infância.

Os capítulos que seguem demonstram todo o enamoramento do casal, as qualidades de Capitu, como dona de casa, a sua beleza e cuidado com o seu marido e a vontade do casal de ter um filho. Após o nascimento do filho começa a surgir mudanças na personalidade de Bento e tudo começa a ser explicado após a morte de Escobar, ao ver os olhos de Capitu marejados de lágrimas, os ciúmes de Bento, são vivificados deixando-lhe cego e logo após

estas explicações começa a surgir no enredo um possível segredo de Capitu, que seria a traição, entretanto não há evidências, mas apenas suposições levantadas por Bentinho.

Interessa-nos saber, que em várias passagens do enredo, temos a figura do moço abastado, mimado, que apaixonou-se por uma figura feminina diferente, pois esta possuía liberdade e opinião própria, bem diferente das mulheres da época, de sua criação, além de pertencer a uma classe social mais humilde. Nesta acepção, os ciúmes do mocinho representam uma problemática social ampla relacionada tanto ao sistema patriarcal do momento, como a condição da mulher neste período. Como aponta, Schwarz(1997, p.17) “não há como responder à dúvida final quanto à época em que se teria definido o caráter de Capitu.” Esta é uma das grandes dúvidas impostas ao fim do romance, pois o narrador personagem afirma não saber se a Capitu de Matacalos foi ardilosa desde sempre ou alterou seu comportamento, após mudar para a praia da Glória.

No entanto, Capitu desde menina tinha vontades próprias, embora devesse submissão, por se tratar de uma jovem de família humilde, que dependia de certo modo da bondade de dona Glória Capitu revela-se contra a santa mãe de Bentinho, conforme o filho registrou na sepultura da genitora. Depois deste fato, ela então se apresenta superior aos outros personagens e até mesmo a Bentinho, que não tinha coragem de rebelar-se diante da vontade superior de sua esposa.

Contudo, ainda fazendo um bom casamento e adquirindo o status de elite sucumbir, aos ciúmes do marido, renúncia então a sua liberdade findando autossequestrada e resignada sem defender-se. O moço rico separando-se de Capitu guarda as aparências, simulando um passeio de família a Europa, deixa sua mulher e seu filho na companhia de uma governanta, viagem que Bentinho passa a repetir regulamente, passando a imagem que sempre estar a encontrar-se com a sua família. O autor, como de passagem, após relatar todos os fatos ocorridos, menciona como um fato trivial a morte de Capitu. A morte do filho se dá após o encontro com o pai, que chega a desejar a morte deste por lepra, entretanto o moço morre em seguida de tifo.

2.1- *A mulher Machadiana na primeira e segunda fase do escritor: Características e identidade*

Como aponta Brait (1985), para conhecer um personagem devemos antes de tudo analisar o espaço em que eles foram construídos para então entender a autonomia e a existência desses seres em um enredo. De acordo com Brait (op. Cit\, p.11) “O problema da personagem é, antes de tudo, um problema linguístico, pois a personagem não existe fora das palavras”. O texto literário então é configurado como o espaço em que, o autor arquiteta os personagens que vão compor o espaço da sua ficção. Tomando como exemplo Dom Casmurro temos Capitu, que adquire vida através das palavras de Bentinho, o que torna unilateral o julgamento da personagem, fato que se dá também com Helena do romance *Helena*, a diferença, entretanto está nos narradores, pois *Helena* é escrito em terceira pessoa e Dom Casmurro em primeira.

Na caracterização dos seus personagens, Machado de Assis faz recorrente uso dos espaços físicos e das críticas sociais, uma leitura menos atenta de seus romances nos faz enxergar apenas a descrição pela descrição, entretanto, todos os fatos estão ligados para a caracterização dos verdadeiros valores de seus personagens, esta é uma das estratégias usadas por Machado, para criar o seu mundo ficcional. Desde os seus primeiros romances, a participação das personagens femininas trazem um papel e uma reflexão social acerca da sua condição, sejam elas de classe mais ou menos elevada. Como todos os seus romances foram escritos em um país patriarcal, as suas personagens refletiram um papel de submissão, normal para a época, entretanto, análogo a estas características, são elas que interferem na trajetória dos outros personagens através de sua sagacidade e por estarem a frente do seu tempo.

Sendo delegadas as personagens femininas, um grande domínio dos outros personagens, por meio da manipulação, o poder muda de mãos. Desta forma, temos criações, como Helena uma mulher delicada que não abre mão da busca por mater sua condição social, mesmo, que para isso fosse conduzida pelas circunstâncias a enganar o homem por quem se apaixonou e Capitu, que para conseguir seus objetivos de ascensão social, submeteu-se a um casamento sem êxito. O Brasil, como “imitador” das tradições europeias, conservou sempre o status social, desta forma, estas mulheres têm um objetivo em comum: fazer parte dessa tão reduzida elite.

Em ambas as fases de suas publicações, a mulher que assume o comando dos outros personagens, conquistando-os por meio da confiança, afeição, como o narrador demonstra em *Helena e Dom Casmurro*; respectivamente:

Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente. Não eram estes, contudo, nem ainda a beleza, os seus dotes por excelência eficazes. O que a tornava superior e lhe dava probabilidade de triunfo, era a arte de acomodar-se às circunstâncias do momento e a toda a casta de

espírito, arte preciosa, que faz hábeis os homens estimáveis as mulheres. (ASSIS, 1997, p.30)

Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda o não disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem inculcar na alma do leitor, à força de repetição. (ASSIS, 1981, p. 44)

Percebemos que o narrador personagem, em *Dom Casmurro*, projeta Capitu como manipuladora, cuidadosa em desempenhar o seu papel de encantar. *Helena* mesmo sendo um romance escrito em terceira pessoa e tendo um período de distanciamento de um romance para o outro, a mocinha possui as mesmas características que são conferidas a Capitu, fato que se dá por consequência de uma sociedade patronal em que o homem é a autoridade máxima. Como aponta Chauvin (2001):

Se nas figuras masculinas o cálculo visa ao lucro financeiro, nas mulheres, leva ao amor cativo e o patrimônio. Em outras palavras, implica afirmar que, em Machado, os retratos femininos são decididamente mais complexos e inteligentes. (CHAUVIN, 2001, p.4)

Sendo assim, estas figuras femininas desequilibram a estrutura social vigente dos homens Machadianos, em *Helena* embora Estácio fosse o homem da casa, após se apaixonar por Helena perde sua autonomia, delegando a jovem mulher, que passa a ser sua confidente, o direcionando em todas as suas decisões.

Pobre Helena! Já vão quatro páginas só a falar de mim. Vejamos o que tens feito. Andas muito triste? Passeias? Lês ? Jogas? Tocas? Conta-me a tua vida o mais miudamente que puderes; conta-me a vida de todos. Não me escondas nada; se, por exemplo, ao abrir um livro ou tocar uma tecla do piano, pensares em mim, escreve isso mesmo, marcando o dia e até a hora, se puder ser. E depois dou-te o direito de perguntar ode ficou a minha gravidade, e responderei que há uma puerilidade séria, e que os extremos se tocam. (ASSIS, 1997, p. 89)

Em *Dom Casmurro* o leitor percebe o protagonista Bentinho como um homem mimado e sem autonomia, pois se não fossem as artimanhas desempenhadas pela protagonista, a concretização de seu casamento não teria se dado.

Assim, para não sair do desejo vago e hipotético de me mandar para a Europa, Capitu, se pudesse cumpri-lo, não me faria embarcar no paquete e fugir; estenderia uma fila de canoas daqui até lá, por onde eu, parecendo ir à fortaleza da Laje em ponte movediça, iria realmente até Bordéus, deixando minha mãe na praia, à espera. Tal era a feição particular do caráter da minha amiga; pelo que, não admira que, combatendo os meus projetos de resistências franca, fosse antes pelos meios brandos, pela ação do empenho, da palavra, da persuasão lenta e diuturna, e examinasse antes as pessoas com quem podíamos contar. (ASSIS, 1981, p. 36)

Portanto, em ambos os romances, as figuras masculinas detêm o poder financeiro e fazem parte da elite, entretanto, as figuras femininas têm acesso ao ponto chave, o amor e a influência que despertaram neles. Machado de Assis, não descreve apenas suas mulheres”, mas narra a história de ambas desde o momento em que elas são postas em cena. Deste modo,

o leitor participa da construção não só do físico, mas da personalidade e se deixa levar pelas palavras do autor entrando no jogo de segredos e mistérios. Como podemos verificar nos fragmentos retirados das duas obras, as jovens eram descritas através de sutilezas de detalhes.

Jovial, graciosa e travessa, perdera aquela gravidade quieta e senhora de si com que aparecera na sala de jantar; fez-se lépida e viva, como as andorinhas que antes, e ainda agora, esvoaçavam por meio das árvores e por cima da grama. (ASSIS, 1981, p. 36)

Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada. Pois, apesar deles, poderia passar se não fosse a vaidade e a adulação. (ASSIS, 1997, p. 29)

Candido (2000, p. 21) salienta que, “O autor pode dar um caráter mais nítido do que a observação da realidade costuma sugerir aos seus personagens” fato que se dá devido à convergência em um mesmo ponto do contexto ficcional, que reúne os aspectos da realidade em uma teia de acontecimentos sólidos. Machado de Assis é um dos autores que leva a sua ficção a um ponto extremo, reproduzindo o mistério oculto em cada ser humano real, o modo como ele dirige o olhar do seu leitor o faz construir um personagem único, com características próprias inesgotáveis e insondáveis. Sendo assim, o autor projeta um mundo imaginário a partir de aspectos que dizem respeito ao comportamento e a vida íntima de seus personagens e é sobre este fato que Candido (2000), reflete.

Se reunirmos os vários momentos expostos, verificaremos que a grande obra de arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar (exemplar também no sentido negativo). (id, ibid,p.45)

Essas mulheres criadas por Machado encontram-se agregadas a valores de ordem religiosa, moral, político-social e suas atitudes parecem ser guiadas em face desses valores. Muitas vezes elas cruzam-se com a necessidade de decidir-se em face do embate de valores, passando por terríveis conflitos e enfrentando situações-limite em que se revelam aspectos indispensáveis da vida humana, esses momentos, muitas vezes, não são apresentados pela vida de forma tão nítida, mas na ficção temos uma ideia de qual lugar eles começaram e o desfecho que terão. A personagem Helena, por exemplo, vê-se emaranhada, por valores próprios da época e pela sua própria consciência, que parece querer denunciá-la a todo o momento.

Dissolvida a reunião Helena recolheu-se à pressa, com o pretexto de que estava a cair de sono, mas realmente para dar à natureza o tributo de suas lágrimas. O desespero comprimido tumultuava no coração, prestes a irromper. Helena entrou no quarto, fechou a porta, soltou um grito e lançou-se de golpe à cama, a chorar e a soluçar. (ASSIS, 1997, p. 76)

Percebemos que a jovem mulher estava a ponto de entregar-se ao desespero total, acreditando que o modo como a sua vida estava sendo conduzida não enquadrava-se nos valores que acreditava. Em *Dom Casmurro* observa-se que embora Capitu tivesse uma personalidade mais forte do que a de Helena também queria enquadrar-se nos modelos de mulher virtuosa pregado pela sociedade da época, como podemos ver no seguinte trecho “Não lhe bastava ser casada entre quatro paredes e algumas árvores; precisava do resto do mundo também.” (ASSIS, 1981 p. 130). Capitu deseja justificar-se perante a sociedade demonstrando que tinha um marido e através dele tinha adquirido o status matrona, o que era o sonho das jovens da época, por se tratar de uma forma de ascensão social, pois esta era a forma na qual poderiam galgar uma posição social melhor.

Capitu gostava de rir e divertir-se e, nos primeiros tempos, quando íamos a passeios ou espetáculos, era como um pássaro que saísse da gaiola. Arranjava-se com graça e modéstia. Embora gostasse de joias, como as outras moças, não queria que eu lhe comprasse muitas nem caras, e um dia afligiu-se tanto que prometi não comprar mais nenhuma; mas foi só por pouco tempo. (ASSIS, 1981 p. 132).

Ao ser comparada, com um pássaro que sai da gaiola, Machado demonstra que a jovem mulher ainda não havia experimentando as situações agora vividas, parece então que ela ganha, além do status social, a liberdade tornando-se livre de muitas limitações impostas pela sociedade.

Críticos, a exemplo de Bosi (1994) e Coutinho (2008) classificam dois tipos de mulheres, na literatura machadiana, sendo assim Helena é classificada como pertencente a primeira fase do autor identificada como romântica sendo considerada uma mulher ingênua pura o modelo de beleza idealizada, Capitu faz parte da segunda fase classificada por realista seu perfil de mulher é descrito em um plano mais real, sem traços de ingenuidade, mas com uma inteligência mais interesseira e calculista.

Ao ler os romances nos deparamos realmente com estes traços que são tão evidenciados pela crítica, entretanto através de uma leitura mais atenta percebemos que Helena não se resume apenas a estas características, pois a “mocinha” é bem inteligente e racional no que diz respeito a sua posição perante as situações que vive dentro do espaço da narrativa; da mesma forma Capitu, ela não apresenta apenas as características da mulher realista, fato que podemos perceber em algumas passagens do enredo. O que percebemos é que, em ambos os romances, Machado de Assis traça um perfil novo de mulher, ousadas como Capitu ou delicadas como Helena, entretanto, ambas possuem em comum a coragem e determinação de lutar para alcançar dias melhores e chegarem aos seus objetivos.

Com frequência, a leitura de um romance nos deixa a impressão de uma sucessão de acontecimentos, que são relatados ao decorrer do enredo e, através dos personagens, estes acontecimentos vão criando vida, sendo assim, enredo e personagens unem-se através de significados e valores que vivificam a ficção. Como pontua Candido (2000).

Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste depende basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor. Tanto assim, que nós perdoamos os mais graves defeitos de enredo e de ideia aos grandes criadores de personagens.(CANDIDO, 2000 p. 54)

Entretanto, devemos levar em consideração, que os personagens dependem de outros elementos que compõem a narrativas tais como, ambiente, o cenário político e cultural da época e assim por diante. Isso posto, percebemos que o romance baseia-se nas relações entre fatos reais e fatos fictícios e como pontua Candido (2000, p. 55) “há afinidades e diferenças essenciais entre o ser vivo e os entes de ficção”. No mundo real, tentamos estabelecer uma série de análises acerca do modo de ser de cada indivíduo e estas análises podem mudar dependendo da conduta de cada um, entretanto, o personagem pode mudar ao longo do enredo, mas é certo que o escritor ao iniciar o romance tentou determinar as características próprias da identidade de cada um dos seus personagens, que podem modificar-se ou não ao longo da história.

A vivacidade de cada personagem depende da complexidade da sua criação através de recursos de caracterização o autor pode reproduzir um ser demasiadamente complexo ou simples, no romance *Helena*, por exemplo, temos uma personagem feminina descrita amiúde com requintes de detalhes a qual até os pensamentos são revelados ao leitor, já em *Dom Casmurro*, por exemplo, temos a caracterização da personagem com requinte de detalhes, entretanto os pensamentos da bela jovem não são descritos, o que de fato ocorre é a descrição do que o personagem narrador “Bentinho” pensa a respeito dos pensamentos da jovem mulher, na maioria dos trechos em que Bentinho está a narrar os pensamentos de Capitu, não é possível compreender se realmente, este seria o juízo de valor formado pela personagem, pois no decorrer do enredo, a personalidade desta personagem vai sendo alterada de acordo com a visão de Bento, como podemos ver no seguinte trecho:

Capitu refletia. A reflexão não era coisa rara nela, e conheciam-se as ocasiões pelo apertar dos olhos. Pediram-me algumas circunstâncias mais, as próprias palavras de uns e de outros, e o tom delas. (ASSIS, 1981, p. 28)

O que percebemos, através da análise do perfil de ambas as personagens é que Machado de Assis esforçou-se, para construir mulheres fortes capazes de desenvolver artimanhas, até improváveis para alcançarem o seu objetivo no espaço da narrativa e estas

mulheres destoam, em quase todos os pontos, do que era pregado, para a mulher virtuosa da época, embora aja uma diferença de período literário de uma criação para a outra, ambas as personagens carregam a bandeira de mulheres decididas:

Helena praticava de livros ou de alfinetes, de bailes ou de arranjos de casa, com igual interesse e gosto, frívola com os frívolos, graves com os que o eram, atenciosa e ouvida, sem entono nem vulgaridade. Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes. (ASSIS, 1997, p. 30)

Capitu ia crescendo as carreiras, as formas arredondavam-se e avigoravam-se com grande intensidade; moralmente, a mesma coisa. Era mulher por dentro e por fora, mulher à direita e à esquerda, mulher por todos os lados, e desde os pés até à cabeça. Esse arvorecer era mais apressado, agora que eu a via de dias a dias; de cada vez que vinha a casa achava-a mais alta e mais cheia; os olhos pareciam ter outra reflexão, e a boca outro império. (ASSIS, 1981, p. 109)

Estas mulheres em sua composição também viam, o casamento como forma de ascensão social, entretanto não tinham o desejo de apenas galgar o status de elite e matrona, mas serem respeitadas perante uma sociedade retratada pelo autor tão preconceituosa e cheia de interesses.

Além das qualidades naturais, possuía Helena algumas prendas de sociedade, que a tornavam aceita a todos, e mudaram em parte o teor da vida da família. Não falo da magnífica voz de contralto, nem da correção com que sabia usar dela, porque ainda então, estando fresca a memória do conselheiro, não tivera ocasião de fazer-se ouvir. Era pianista distinta, sabia desenho, falava correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalho feminino. Conversava com graça e lia admiravelmente. Mediante os seus recursos, e muita paciência, arte e resignação, - Não humilde, mas digna – conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis. (ASSIS, 1997, p. 30)

Prima Justina reteve-me alguns minutos, falando do calor e da próxima festa da Conceição, dos meus velhos oratórios, e finalmente de Capitu. Não disse mal dela; ao contrário, insinuou-me que podia vir a ser uma moça bonita. Eu, que já a achava lindíssima, bradaria que era a mais bela criatura do mundo, se o receio me não fizesse discreto. Entretanto, como prima Justina se metesse a elogiar-lhe os modos, a gravidade, os costumes, o trabalhar para os seus, o amor que tinha a minha mãe, tudo isso me acendeu a ponto de elogiá-la também. Quando não era com palavras, era com o gesto de aprovação que dava a cada uma das asserções da outra, e certamente com a felicidade que devia iluminar-me a cara. (ASSIS, 1981, p. 34)

Para dar ênfase, as qualidades que as jovens da sociedade do século XIX precisavam ter, Machado retrata os atributos destas figuras femininas relacionando-os justamente aos padrões impostos, para as mulheres desta época. De acordo com a concepção sociológica a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade, e é justamente esta postura que Machado adota para descrever a identidade destas personagens. O caso é que nós projetamos, nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que adotamos seus significados e valores,

sendo assim, ela relaciona os sujeitos e seus mundos culturais, tornado-os ambos mutuamente unificados. Segundo Hall (2005).

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p. 13)

Portanto não temos uma identidade, uniforme, e dependendo da sociedade que estamos inseridos, está pode modificar-se, nem que seja de forma temporária. Sendo assim, identificamos que Machado de Assis faz uso do olhar dos outros personagens, para demonstrar como a personalidade destas personagens era vistas diante da sociedade, que embora fosse criação de Machado de Assis representava, muito bem, a sociedade a qual o autor fez parte. Em *Helena*, Estácio, embora fosse um homem instruído, algumas vezes retrata a jovem mulher com desdém devido a percepção que ele tinha de algumas atitudes tomadas, pela jovem, como podemos perceber no seguinte fragmento “Helena dobrou lentamente o papel e guardou-o na algibeira do vestido. A inocência não teria mais puro rosto; a hipocrisia não encontraria mais impassível máscara.” (ASSIS, 1997, p.30). Ao perceber que sua meia irmã estava lendo um bilhete ao qual ele não sabia a procedência começou a fazer julgamento a respeito da índole de Helena e não foi só Estácio, que julgou a procedência da moça, antes dela fazer parte da família, a tia dos jovens D’ Úrsula a prejudicou chegando a afirmar não saber dividir com ela afetos, entretanto, os dias transcorreram e a jovem, com suas artimanhas, conseguiu conquistar a todos restando apenas o Dr. Camargo.

Helena não é tola; quer prender-nos por todos os lados, até pela compaixão. Não te nego que começo a gostar dela; é dedicada, afetuosa, diligente; tem maneiras finas e algumas prendas da sociedade. Além disso, é naturalmente simpática. (ASSIS, 1997, p.48)

Em *Dom Casmurro*, Capitu faz uso das mesmas estratégias que Helena usou para conquistar os outros personagens que, no decorrer da narrativa, julgaram a jovem mulher, pois esta não seguia as convenções sociais exigidas, para a época da sua criação, portanto não agradava a todos e em algumas partes do enredo tinha segurança suficiente, para burlar as normas impostas pela autoridade superior, que neste caso tratava-se da mãe de Bentinho. O agregado, personagem de José Dias, por exemplo, diz saber as intenções dissimuladas de Capitu desde o início da narrativa:

A pequena é uma desmiolada; o pai faz que não vê; tomara ele que as coisas corresse de maneira, que ...compreendo o seu gesto; a senhora não crê em tais cálculos, parece-lhe que todos têm a alma cândida... (ASSIS, 1981, p. 8)

Embora no início da narrativa o agregado, a prima Justina e a própria mãe de Bentinho não aprovassem o modo de ser de Capitu, ao decorrer da narrativa ela consegue “dominar” todos estes personagens através do seu interesse em conseguir conquistar seu maior objetivo casar-se com Bentinho.

Capitu, passou a ser a flor da casa, o sol das manhãs, o frescor das tardes, a lua das noites; lá vivia horas e horas, ouvindo, falando e cantando. Minha mãe a palpava-lhe o coração, devolvia-lhe os olhos, e o meu nome era entre ambas como a senha da vida futura. (ASSIS, 1981, p. 107)

O que percebemos nas personagens em análise é que em ambos os romances temos identidades construídas em torno de um modelo real dominante de mulher, para a época da sua criação, ao qual somam-se outros traços característicos dos cenários criados pelo autor. Machado de Assis, para construir a identidade de Helena e Capitu, faz uso de pequenos detalhes que vão sendo detectados pelo leitor ao longo do romance. O que podemos perceber, é que os dois romances em análise alcançam tamanha força de convicção que são vistos pelo leitor, como um mundo real, entretanto a aparência da realidade não nega seu caráter de ficção, Machado de Assis consegue aproximar bem o imaginário da realidade através da construção dos seus personagens, principalmente as personagens femininas, que por meio deles o autor consegue cristalizar o mundo ficcional, como se fosse real. Fato que pode-se dar devido ao tipo narrativo de seus romances. Em *Dom Casmurro* encontramos um narrador - personagem e em *Helena* um narrador onisciente, sendo assim em ambos os casos, o leitor junto com o narrador fictício, presencia os acontecimentos como se leitor e narrador se fundissem em um só, os acontecimentos desta forma são relatados em um passado distante através de ações que a muito tempo aconteceram, e é acerca deste fato que Candido (2000) ,faz uma importante reflexão.

É paradoxalmente esta intensa “aparência” de realidade que revela a intenção ficcional ou mimética. Graças ao vigor dos detalhes, à “veracidade” de dados insignificantes, à coerência interna, à lógica das motivações, à causalidades dos eventos etc., tende a constituir-se a verossimilhanças do mundo imaginário. (id, ibid,p.20)

Sendo assim, embora os dois romances em análise *Dom Casmurro* e *Helena* tenham alcançado tamanha força de convicção, sendo impostos quase como um mundo real, a aparência da realidade não nega seu caráter de ficção, ainda que, Machado de Assis alcance

a artimanha de aproximar tão bem a fantasia da realidade, através da construção dos seus personagens, principalmente as personagens femininas.

2.2 -Casamento como forma de libertação e ascensão social

Como já vem sendo discutido ao decorrer desta pesquisa o universo feminino em Machado tem um espaço de relevância, pois ele não descreve apenas suas personagens, mas faz um estudo da natureza feminina, sendo mulheres que aparecem ao leitor com perícia e classe são presenças entusiasmantes que oras são privilegiadas com características tais como inteligência e cultura, como também alguns adjetivos pejorativos.

O casamento, por exemplo é uma das ferramentas utilizadas por algumas das suas personagens, para chegarem a níveis sociais mais altos. Visto que, no período de suas criações, praticamente a única forma de ascensão social, para a mulher, era o tão sonhado casamento, por estes motivos Machado chama atenção de seus leitores, para este fato. Em particular, Capitu e Helena, personagens de nossa análise têm estes mesmos objetivos. Segundo Schwartz (1997, p.33) “o casamento da moça pobre não passou de uma forma de lembrar e reafirmar a ordem tradicional vigente do país”. Schwartz neste comentário faz referência a Capitu, pois de acordo com o pesquisador essa personagem feminina embora vivesse no espaço da narrativa a descrição de um romance ingênuo, que teve seu início ainda na infância já tinha arroubos de certo interesse da personagem, que passa-se despercebido aos nossos olhos e só se é revelado após o casamento da jovem humilde com o jovem dono de grandes quantidades de terras, filho único, formado e membro da reduzida elite brasileira, podemos perceber essa postura da personagem em algumas passagens do enredo.

A alegria com que pôs o seu chapéu de casada, e o ar de casada com que me deu a mão para entrar e sair do carro, e o braço para andar na rua, tudo me mostrou que a causa da impaciência de Capitu eram os sinais exteriores do novo estado.(ASSIS, 1981, p. 130)

A jovem mulher, como é apontada, nesta passagem do enredo, parece não contentar-se em viver apenas a realização do matrimônio, em sua casa, mas necessitava mostrar-se realizada, para a sociedade a qual fazia parte. No romance *Helena* a visão da jovem mulher não destoa da de Capitu, pois Helena também reconhecia no seu casamento um forma de manter sua condição social; a diferença que se estabelece entre ambas é a de que Capitu parece querer fazer uma união de benefícios ao contrair seu casamento, pois além de adquirir o seu status de matrona desfrutaria da companhia do homem a quem dizia amar, entretanto Helena desejava contrair um casamento sem amor, para conseguir livrar-se dos sentimentos

que carregava pelo seu suposto irmão e desta forma manter-se como uma senhora da alta sociedade.

Não, mas é uma loteria; perco um bem certo por outro duvidoso. O jogador não faz cálculo diferente. Essa felicidade pode não vir; eu contento-me com a que me cabe agora. Mendonça ama-me deveras; senti-o desde algum tempo. O padre Melchior abriu-me os olhos; aceito o destino que os dois me oferecem. Esta é a razão e a realidade; o mais é ilusão e fantasia. (ASSIS, 1981, p. 103)

Como percebemos no fragmento acima, a moça trata do seu casamento como se fosse uma loteria e renega seus sentimentos verdadeiros afirmando que eles eram uma ilusão, uma fantasia, e este casamento viria justamente, por estes motivos, para libertá-la dos seus sentimentos. Outro aspecto que percebemos nos dois romances é que no caso de *Dom Casmurro*, o casamento realmente aconteceu, entretanto logo após alguns anos a situação entre o casal começou a enfraquecer-se, justamente quando o fruto dos cônjuges ganhou vida e tudo parecia estabilizado, começou a surgir às primeiras inquietações de Bento e, com elas, as dúvidas em relação a uma possível traição, após a separação, todos os objetivos e sonhos de Capitu se dissipam.

As circunstâncias que foram impostas a Helena não lhe possibilitou chances para a concretização do seu casamento, nem por amor, nem por conveniência, pois a tristeza não lhe deixou escapatórias e o destino narrado pelo romance levou a jovem, a morte, antes que ela desfrutasse dos seus planos de ascensão social e liberdade. O que há em comum entre estas duas mulheres são as artimanhas e as renúncias feitas por elas para alcançar este objetivo e a frustração dos sonhos não concretizados de uma vida feliz.

Há que se observar ainda, o conformismo de ambas em relação às situações infelizes, pois elas não esboçam nem uma reação perante as dificuldades que enfrentaram recusando-se a defender-se, fato que a crítica justifica, por decorrência de que, em ambos os romances, quem narra é um homem em *Dom Casmurro* - um autor personagem - em *Helena*, um narrador em terceira pessoa. Desta forma estas personagens femininas nos aparecem misteriosas, inexplicáveis, no romance *Helena* ainda registramos, em algumas passagens, os pensamentos e as palavras trocadas entre a personagem e outros personagens do romance. No romance *Dom Casmurro*, um número expressivo de pensamentos e palavras é sugerido pelo narrador personagem, valendo em algumas cenas, apenas o não dito por Capitu. Como podemos perceber, no fragmento abaixo, Bento comprova a possível traição de Capitu, através de um olhar.

Palavra que estive a pique de crer que era vítima de uma grande ilusão, uma fantasmagoria de alucinado; mas a entrada repentina de Ezequiel, gritando: - Mamãe! mamãe! – restituiu-me à consciência da realidade. Capitu e eu, involuntariamente, olhamos para a fotografia de Escobar, e depois um para o outro. Desta vez a confusão dela fez-se confissão pura. Este era aquele; havia por força alguma fotografia de Escobar pequeno que seria o nosso pequeno Ezequiel. De boca, porém, não confessou nada; repetiu as últimas palavras, puxou o filho e saíram para a missa. (ASSIS, 1981, p. 166)

Os ciúmes de Bento não deixaram margens para as justificativas de Capitu, e o que o leitor pode perceber é apenas os indícios de uma possível traição. O que já percebe-se no começo do enredo dos romances, pois Machado de Assis descreve, Helena e Capitu, no que diz respeito aos seus aspectos físicos e seus modos tentando transmitir todas as características das personagens a partir de descrições.

Era uma moça de dezesseis a dezessete anos, delgada sem magreza estatura um pouco acima de mediana, talhe elegante e atitudes modestas. A face, de um moreno-pêssego, tinha a mesma imperceptível penugem da fruta de que tirava a cor; naquela ocasião tingiam-se uns longes cor-de-rosa, a princípios mais rubros, natural efeito de abalo. (ASSIS, 1997, p.26)

Não podia tirar os olhos daquela criatura de catorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinham a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos. . (ASSIS, 1981, p. 21)

Percebemos a minúcia de detalhes feitos pelo autor para descrever as duas personagens detalhes, como idade, o modo de se portar, suas vestimentas. A diferença imposta entre as duas personagens é a de que o narrador enfatiza que Capitu não tinha condições sociais que se equiparassem com a do seu pretendente, pois este faz parte das classes favorecidas, enquanto a jovem possuía as mãos sem máculas que cheiravam a sabão e água do poço, o que a caracteriza como pertence a uma classe social inferior a de seu pretendente. Um leitor atento logo percebe indícios que as descrições destas características ressaltam que a jovem simples não possuía apenas amor pelo jovem abastardo, mas também interesse em seu status social.

Embora o centro do enredo dos dois romances seja o amor, nas duas obras este “amor” é apenas um pretexto do autor para revelar os valores próprios da época de criação das personagens, para tanto, estas mulheres são retratadas como envolventes, em ambos os romances os personagens masculinos designados para ser o par destas figuras femininas sentem-se atordoados como se estivessem sido arrebatados pelo sentimento tão forte que

sentem passando a imagem de homens frágeis facilmente manipulados pelas circunstâncias como aponta Bergamini (2007).

Temos que levar em conta, ainda, que Machado retrata o permanente mal – entendido dos encontros humanos, de um ser humano permanentemente acessado por outro, pelas forças da natureza, bem como pelo pior de todos os detratores – seu mundo interno. (id, ibid,p.13)

Portanto, as incertezas destes homens Estácio e Bento pertencente aos romances, *Helena e Dom Casmurro*, são alimentadas pelos costumes da época de criação destas figuras masculinas. Para dar um tom de veracidade a sua criação, o autor faz uso de outros personagens, que alastram boatos a respeito de Helena e Capitu, designadas a serem seus pares românticos, e assim, o leitor também participa da mesma dúvida dos personagens. Outro fato que está ligado à conjuntura dos casamentos machadianos é a falta de interesse por parte da mulher de ser mãe. Pois como podemos perceber Bento Santiago desejava ardentemente ser pai (ASSIS, 1981 p. 135) “pois nem tudo isso me matava a sede de um filho, um triste menino que fosse amarelo e magro, mas um filho, um filho próprio da minha pessoa”. Há como se fosse uma troca de valores entre Capitu e Bentinho, embora Capitu também demonstrasse querer um filho não queria o quanto seu marido o esperava. Helena não manifesta querer ter filhos a única exposição de interesse da moça era contrair matrimônio para se libertar do amor que tinha pelo seu falso irmão e manter seu status social.

Contudo, Machado não apresenta nestes romances pais gananciosos, com interesse de submeter à felicidade de suas filhas, aos contratos de aliança matrimonial, algo que era recorrente não só nos romances da época, como também no período de criação das personagens. Não há nem uma parte do romance que apareça os pais de Capitu influenciando a jovem a relacionar-se com Bento também não há influência dos pais de Helena visto que a jovem era considerada órfã de pai e mãe, entretanto seu pai estava vivo, mas não há passagens no enredo em que seu pai lhe peça para fazer um casamento por interesse.

Sendo assim, o leitor percebe que as personagens Helena e Capitu, veem o casamento como uma forma de ascensão social. A única diferença da relação dessa personagem com o casamento encontrasse no fato de que Helena desejava casar-se para manter a sua condição social e Capitu, para conseguir o status de pertencente a auto sociedade brasileira.

2.3- *Moral duvidosa*

Temas como casamento, adultério, e suspeitas perpassam a vida das mocinhas Machadianas, sendo descritas, na maioria das vezes, como misteriosas, parecem utilizar um

disfarce. O elemento, de nossa análise, no que diz respeito a este aspecto, está relacionado ao fato destas personagens serem retratadas, por um olhar masculino, de um narrador, como já foi mencionado, às vezes, em primeira pessoa, outras em terceira pessoa:

Em comum, essas duas formas de narrar questionam um enigma: a mulher capciosa, ardilosa, que aparentemente desconstrói modelos. As observações perspicazes desses narradores ajudam a perceber qual o papel dessa mulher numa sociedade ainda patriarcal, mas que se aspira liberal, marcada por relações de favor, e que luta para assegurar um lugar não só para o seu desejo, mas, sobretudo para seus interesses de ascensão ou manutenção de um *status* fundamental para a sobrevivência social, num mundo em que o olhar do outro alimenta as necessidades mais internas do ser humano. (BARROS, 2002, p. 08)

Sendo assim, a mulher e sua relação com a sociedade são os objetos retratados sagazmente pelo autor. As desconfianças, desta forma, recaem sobre as figuras femininas, o que faz referência ao sistema patriarcal brasileiro que estabelece a convenção de uma dupla moral, uma para os homens e outra para as mulheres. Desta maneira, além das questões superficiais, como salões de festas, modo de vestir-se dentre outros, a dissimulação feminina, ganha ênfase, no espaço do enredo dos romances, *Helena e Dom Casmurro*.

Helena só consegue guardar o seu segredo até o fim do romance, porque desenvolveu um jeito de influenciar os outros personagens, através da sua inteligência. Capitu ao mesmo modo consegue chegar ao seu objetivo, através de sua astúcia que era mais eficaz do que a da figura masculina designada, como seu par, pois este não conseguia sequer dizer a sua mãe, o amor que tinha pela sua vizinha, ou até mesmo ir contra a autoridade imposta, por sua mãe. O que estas personagens Machadianas têm em comum é a precisão de se ater às convenções para conseguir vencer, mas análogo a estas características, elas apresentam certas particularidades, em relação às mulheres da época de suas construções, pois fazem parte de uma minoria social. Os seus objetivos só podem ser concretizados a partir de duas possibilidades: o casamento, que está relacionado ao campo afetivo, e as aparências, relacionadas aos campos sociais. Sendo assim, Capitu e Helena deslocam-se entre esses dois eixos, raramente ocupando a posição de sujeitos, pois elas são o outro do discurso e do desejo, são posse e não possuidoras.

As poucas passagens do enredo em que Capitu e Helena concretizam seus próprios desejos estão relacionadas, na maioria das vezes, a sagacidade de sua inteligência e a sua beleza física, a qual o autor dá ampla ênfase, tomando como exemplo, o objetivo de quase todas as jovens da época, o casamento, percebemos que no caso de Capitu, ela só chega ao altar através de sua inteligência, no caso de Helena a sua beleza física, seu status social e sua inteligência despertaram o interesse de Mendonça e, conseqüentemente, a aliança de noivado, entre os dois, entretanto o casamento não chegou a concretizar-se.

Ela mostrava-se graciosa, solícita e atenta, como uma esposa amante; ele parecia enamorado da voz e das falas da donzela; como que um clarão interior lhe desvendara à alma os horizontes infinitos da esperança. Familiarizados com Helena, tratado por ela com esquisita atenção, era contudo a primeira vez que ela lhe falava, não como a uma confidente amiga, mas como a um homem que poderia vir a ser seu esposo. Alguma seriedade, um olhar submisso, uma atenção continuada, fizeram essa diferença, que antes foi sentida pelo coração do que descoberta pelos olhos. (ASSIS, 1997, p.96)

Esta palavra doeu-me muito, e não achei logo que lhe replicasse. Capitu meteu o negócio à bulha, rindo e chamando-me disfarçado. Depois declarou crer que eu cumpriria o juramento, mas ainda assim não consentiu logo; ia ver se não haveria outra coisa, e eu que visse também por meu lado. (ASSIS, 1981, p. 124)

O que percebemos é que a literatura tentava apresentar mulheres revestidas de certo puritanismo, necessário para viver bem na sociedade patriarcal, do século XIX. No entanto, nos dois romances *Helena* e *Dom Casmurro*, há passagens em que notamos a fragilidade das concepções veiculadas na época, pois aos poucos Machado de Assis dá voz a estas heroínas, perturbando aos poucos a ordem vigente. Por estes motivos, em algumas situações do enredo, a moral destas personagens é questionada, não só pelo seu par romântico, mas também pelos outros personagens. Sendo assim, a moral destas personagens é posta como um ponto importante, para a sua análise, para que possamos vislumbrar um pouco do enigma feminino de ambas. Como aponta Barros (2002).

Machado constrói boa parte de suas personagens femininas erotizadas, deslocadas do papel da maternidade para o desempenhado no matrimônio, que se associa sempre ao patrimônio. É uma mulher que se caracteriza por uma atitude ativa, por vezes, utilizando-se de insígnias do mundo masculino, mas que se atém ao convencional a fim de manter a “segurança” do *status*, tão cara em Machado. (id, ibid,p.13)

Machado dá ênfase as sinuosidades do inconsciente de Helena e Capitu, deixando-nos entrever aspectos reveladores de seus desejos. Capitu, por exemplo, diferente das mocinhas da época atreve-se a tomar a iniciativa de beijar Bentinho, o que não era convencional, para uma jovem de boa índole, de acordo com os padrões do período em que esta figura feminina foi construída.

Como vê, Capitu, aos catorze anos, tinha já idéias atrevidas, muito menos que outra que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos. Não sei se me explico bem. Suponde uma concepção grande executada por meios pequenos. Assim, para não sair do desejo vago e hipotético de me mandar para a Europa, Capitu, se pudesse cumpri-lo, não me faria embarcar no paquete e fugir; estenderia uma fila de canoas daqui até lá, por onde eu, parecendo ir fortaleza de Laje em ponte movediça, iria realmente até Bordéus, deixando minha mãe na praia,

à espera. Tal era a feição particular do caráter da minha amiga; pelo que, não admira que combatendo os meus projetos de resistência franca, fosse antes pelos meios brandos, pela ação do empenho, da palavra, da persuasão lenta e diuturna, e examinasse antes as pessoas com quem podíamos contar. (ASSIS, 1981, p. 29)

Capitu por ser uma jovem de ideias diferentes e ter se tornado uma mulher, com opiniões formadas, é apontada como atrevida pelos padrões da época. Helena, também é hostilizada, por fugir destes padrões principalmente pelo seu falso irmão Estácio, que reprova algumas atitudes tomadas por ela, como por exemplo, sair as escondidas para passeios aos quais, a própria não justificava os motivos. Pois se a prática de sair de casa, já era reprovada, imagine sair sozinha.

No dia seguinte de manhã, erguendo-se tarde, soube que Helena saíra a cavalo.

- Sozinha?

- Com o Vicente.

Vicente era o escravo que, como sabemos, se afeiçoara, primeiro que todos, a Helena; Estácio designara-o para servi-la. A notícia do passeio não lhe agradou. O tempo andava como o passo do costume, mas à ansiedade do mancebo, afigurava-se mais longe. Estácio chegava à janela, e ia até ao portão da chácara, com ar de aparente indiferença, que a todos iludia, a começar por ele próprio. Numa das vezes em que voltou a casa, achou levantada D. Úrsula; falou-lhe, D. Úrsula sorriu com tranquilidade.

- Que tem isso? Disse ela. Já uma vez saiu a passeio com o Vicente e não aconteceu nada.

- Mas não é bonito, insistiu Estácio. Não esta livre de um ato de desatenção. (ASSIS, 1997, p. 62)

Sabemos que neste período a vida privada era regida por valores que visavam à segurança e à estabilidade e dos quais a mulher era o centro, já a vida pública era o espaço reservado ao homem burguês, desta forma, a nítida divisão de papéis entre homens e mulheres era quase uma necessidade dos indivíduos, para assim se fortalecerem para travar as batalhas requeridas pelos negócios e as necessidades diárias. Os valores como recato, pudor, vergonha deveriam ser atenciosamente repassados para as mulheres do período, pois lhes serviriam de trava para os seus desejos. Na contramão dessas impossibilidades, de barrar o que foi reprimido ou ignorado, Machado de Assis inspira-se e cria Helena e Capitu e aborda de modo desvelado a posição feminina e a feminilidade em relação ao masculino.

Personalidades opostas, elas representam dois mundos diferentes, mas próximos entre si, se Capitu luta para conquistar seu casamento com inteligência e ousadia, Helena sustenta o seu segredo, quase até o fim da história além de renunciar ao amor que sentia, pelo seu falso irmão. Quanto a moral destas personalidades, não podemos julgar se condiz ou não, o que realmente importa para esta análise é o fato de que Machado além da estrutura superficial leva-nos ao âmbito da suspeita e do engano, criando outros planos cujas análises são sempre instigantes.

2.4- O segredo declarado e o inconfessável

As mulheres e seus amores é uma temática recorrente na obra de Machado de Assis pois encontramos personagens femininas tão relevantes que chegam, muitas vezes, a concentrar toda a atenção do narrador sobre elas. Capitu e Helena como já visto são mulheres misteriosas, enigmáticas, inexplicáveis. Seus comportamentos, suas atitudes e suas falas quase sempre não nos permitem entrever a interioridade destas figuras. Sendo assim, o que pensam permanece recluso dentro delas, e podemos apenas fazer suposições a respeito dos seus mistérios.

A falta de transparência de ambas mantém a eterna dúvida, desde o início dos romances, não conseguimos fazer ideia do segredo que elas escondem, mas o narrador consegue despertar no leitor suspeitas acerca dos seus comportamentos. Capitu deixa pistas de um possível casamento feito tanto por amor, como por interesse, pois há diversas passagens do enredo, que o narrador salienta o jeito humilde da moça. Entretanto, não é especificado ao certo, para o leitor se realmente ocorreu a traição, tão comentada, pelos estudiosos das obras de Machado de Assis, desta forma o segredo reservado a personagem Capitu é inconfessável, pois o narrador não dá certeza ao leitor se de fato a traição ocorreu, o que de fato percebemos a partir do momento que ocorre o casamento, de Capitu com Bentinho, é uma narração diferente do início da história, pois o narrador parece perder-se em seus pensamentos a procura de justificativas, que esclareçam as suas dúvidas.

Ezequiel vivia agora mais fora da minha vista; mas a volta dele, ao fim das semanas, ou pelo desacostume em que eu ficava, ou porque o tempo fosse andando e completando a semelhança, era a volta do Escobar mais vivo e ruidoso. Até a voz, dentro de pouco, já me parecia a mesma. Aos sábados, buscava não jantar em casa e só entrar quando ele estivesse dormindo; mas não escapava ao domingo, no gabinete, quando eu me achava entre jornais e autos. Ezequiel entrava turbulento, expansivo, cheio de riso e de amor, porque o demo do pequeno cada vez morria mais por mim. (ASSIS, 1981, p. 106)

Não temos um indício sequer da confissão desta traição, apenas suspeitas, como por exemplo, a semelhança do filho do casal com Escobar, mas devemos levar em consideração que Capitu também tinha traços físicos parecidos com o de Escobar. Resta ao leitor então aceitar o segredo inconfessável. A personagem Helena neste ponto diferencia-se de Capitu, pois a jovem mulher desde o começo do enredo deixa pistas de um segredo, que, no decorrer da narrativa parece não ter solução, um leitor menos atento chega a pensar que o segredo seria

um amor não confessado pela jovem, uma história de amor mal resolvida, e assim são levantadas, ao transcorrer do enredo, diversas suposições. Como é próprio do estilo de Machado de Assis estas suposições ora são evidenciadas, ora parecem não fazer sentido e em um tom irônico, o segredo da jovem começa a ser desvendado, e o leitor logo surpreende-se com a revelação quase que final do mistério, pois no momento da revelação do segredo de Helena faltava ainda alguns capítulos para o final da trama.

O fato consternou-me; mas eu peço licença para lhe dizer tudo: de envolta com o sentimento de pesar, houve em mim alguma coisa semelhante a uma satisfação. Respirava enfim! O contrato expirava com ele; eu ia entrar na posse da minha filha. Não escrevi desde logo a Helena; fi-lo ao cabo de alguns dias. Tive duas respostas: a primeira era no sentido da minha carta; a segunda anunciava-me que o conselheiro a reconhecera por testamento. Podia procurar e ler-lhes a segunda carta: é um documento de elevação dos sentimentos daquela menina. (ASSIS, 1997, p. 146)

Sem rodeios, o narrador nos revela, que Helena não era filha legítima do conselheiro Vale e que os passeios que ela fazia as escondidas era para encontrar-se com seu pai biológico. Logo pensamos que a mocinha teria um final feliz e diferente do de Capitu, mas o desenrolar dos acontecimentos não proporciona o derradeiro momento esperado. Mesmo com o seu segredo confessado e tendo sua pureza intacta, a jovem não pode casar-se com Estácio, pois as convenções da época não permitiam e a família preferiu evitar um escândalo. Mesmo tendo um segredo revelado ou um segredo inconfessável, estas duas mulheres representam o quadro de mulheres condenadas a infelicidade, por uma sociedade que as tratava apenas como mercadorias, como percebemos a opinião ou o juízo de valor destas figuras, não são ouvidos e nem respeitados.

Considerações finais

Uma obra literária é também um produto social e este é um dos principais fatores evidenciados por toda a obra machadiana, especialmente considerando às questões que relacionam à troca de favores e de interesses, fatores que estão presentes no repertório do autor. A representação da falta de ética e da corrupção de nosso país possibilita a Machado de Assis retratar múltiplos problemas centrais da cultura de sua época e que perduram até os dias atuais. Suas respostas são criadas através do rigoroso campo dos elementos narrativos, requerendo uma compreensão dos personagens e do tempo, com a representação de situações extremas e clássicas de uma crise vivenciada.

Os leitores de *Dom Casmurro* e *Helena* devem estar atentos aos contratempos na leitura destes romances, pois estes apresentam um tom fragmentado e dispersivo, com um enredo complexo, que faz parte de um plano retórico traçado pelo narrador. Sendo assim, os leitores destas obras devem levar em consideração o fato de que ambos os romances são bem estruturados do princípio ao fim. Estas obras, pelo seu caráter ambíguo em relação à interpretação, são consideradas polêmicas, pois seus narradores não são tão confiáveis, além de que, o narrador está sempre estabelecendo dúvidas, pois a aparência da verdade está no que pode ser extraído pelo leitor.

Cabe ressaltar, que o núcleo investigativo desta pesquisa versou sobre as características estruturais das personagens femininas Helena e Capitu, no que diz respeito as suas características físicas de personalidade, modo de agir, de forma geral, como se dá o comportamento destas personagens no espaço da narrativa. Para darmos ênfase a singularidade destas personagens femininas machadianas diante da conjuntura masculina, foi levado em consideração o método narrativo e persuasivo do autor, para tanto, traçamos paralelos entre os perfis de Helena e Capitu. O comportamento da mulher no século XIX foi um dos suportes teóricos de nosso estudo, o que nos deu uma compreensão melhor do comportamento destas figuras femininas, tanto nos ambientes externos como internos. Tal

estudo foi de suma importância para compreendermos não só as relações destas mulheres, em nossa sociedade, mas também para entender a singularidade que faz parte do universo feminino, representados nesses romances de Machado de Assis.

O universo machadiano feminino pressupõe uma dialética intrigante, pois as suas figuras femininas não se enquadram completamente na ordem patriarcal colonial do século XIX. Como sabemos, a mulher é aprisionada em uma posição de desvantagem em relação ao homem e, rompendo com as normas vigentes, passa a ser considerada um ser ameaçador. Sendo assim, para conseguir alcançar a realização dos seus objetivos, Helena e Capitu fabulam estratégias e táticas que fogem ao estereótipo da mulher virtuosa da época de suas criações, tomando como exemplo, o modelo de casamento patriarcal de nossa sociedade, as duas personagens analisadas relacionam-se neste ponto de forma diferente, pois Capitu, embora fosse pertencente a uma classe inferior a de Bento, casa-se com o burguês, entretanto, a firmeza e coragem desta mulher leva-o a desconfiança e logo após, ao divórcio, já Helena mantém as aparências sociais do período, através do noivado com um jovem pertencente a sua classe social, entretanto, por não amá-lo de verdade, o noivado não chega ao altar.

Assim, estas mulheres são consideradas: ardilosas, pérfidas, fingidas, pervertidas e dissimuladas, mesmo não possuindo todas as máculas elencadas, por estes adjetivos, o final destas figuras femininas é trágico Capitu é exilada e, após alguns anos, morre; Helena não se casa com o homem que ama e ao final também morre, a sua morte parece ser a única alternativa encontrada pelo autor para solucionar os problemas da personagem – o que se tornou característica da maioria dos romances românticos. Na verdade, estas personagens femininas pagam um preço elevado por não se adequarem aos modelos impostos, pela sociedade da época. Essas mulheres, aparentemente submissas, em nossa sociedade patriarcal, exercem o impulso da subversão usando como arma a dissimulação, para ocultar os seus mistérios e é a partir do que está oculto que Machado de Assis constrói os discursos femininos destas personagens, e quando elas silenciam ecoam no íntimo do leitor, e nos levam a perceber sua verdadeira força.

É certo, que Helena não teve a mesma ambição e afincamento de Capitu, pois em quase todo o enredo a personagem chora por seu amor impossível Estácio e sua má sorte na vida. Já Capitu não se deixou abater e lutou contra todos os empecilhos e autoridades, até contra o casamento arranjado o que era comum para a época. Nem sempre a “mocinha” adotou estratégias honestas para a realização dos seus objetivos e conseguir finalmente o prêmio, o seu amado Bento Santiago e o tão sonhado casamento.

A linguagem crítica e irônica de Machado de Assis e o seu domínio narrativo lhe permitem construir e simular a tradição da época através de sua visão de mundo e linguagem literária, que introduz em nossa literatura os problemas da vida diária. A forma como são expostos os fatos retratados pelo autor permite que sua arte literária permaneça em evidência mantendo-se sempre atual. Temas como ascensão social, ciúmes e a representação da figura feminina segundo os padrões patriarcais são representados de forma original, com uma narrativa que começa de forma suave e aos poucos envolve o leitor. Sendo assim, ele consegue fugir do comum oferecendo pistas de uma realidade mágica. Portanto sua obra possui uma fortuna crítica e literária que deve ser reconhecida não só pelos estudiosos da área, mas também por todos que desejam estudar e conhecer um dos representantes da nossa literatura.

Referências Bibliográficas

ALBURQUERQUE, Renata de. *Senhoras de si: o querer e o poder de personagens femininas nos primeiros contos de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH, 2011

ANDRADE, Maria Celeste de Moura. *O século XIX: O mundo burguês / O casamento/A nova mulher: O contexto histórico dos romances Madame Bovary, Ana Karenina, O Primo Basílio e Dom Casmurro*. Disponível em: < www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/viewFile/412/391 > Acesso em: 08 de Jun. 2015

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos fluminenses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Abril Cultura, 1981

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Helena*. 4.ed. São Paulo: FTD, 1997

BARROS, Marta Cavalcante de. *Espirais do desejo: a mulher nos contos de Machado de Assis*. Tese de doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2002

BERGAMINI, Denise Lopes. *As Mulheres No Conto de Machado de Assis*. Disponível em: < www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/as_mulheres_no_conto.pdf > Acesso em: 02 de Jun. 2015

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985

BOSI, Alfredo. *Historia concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994

CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. 10.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000

CARVALHO, José Reynaldo de. *Duas Capitus contemporâneas em teias intersemióticas: uma demonstração rizomática da reescritura na pós-modernidade*. Brasília: UNB, 2011

CHAUVIN, Jean Pierre. *O paternalismo de saias nas fases de Machado*. São Paulo: USP

COELHO, Haydée Ribeiro. *Antropologia e história na interlocução entre o feminino e a literatura*. In: Revista de estudos de literatura.1.ed.Belo Horizonte, 1996

COUTINHO, Afrânio. *Conceito de literatura brasileira*. 2. ed. Rio de Petrópolis, RJ: vozes, 2008.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: dp&a, 2005.

INCAO, Maria Ângela de. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (Org) *História das mulheres no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2000

OLIVEIRA, Rogildo de. *A mulher no sec. XIX*, Bahia, Fev. 2012. Recanto das letras. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3511571>> Acesso em: 08 de Abr. 2015

PACHECO, João. *A literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1968

PEREIRA, Ana Cristina Ribeiro. *A natureza persuasiva de Dom Casmurro e a singularidade feminina: Uma literatura através dos contos*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2011

PRIORE, Mary Del (Org); BASSANEZI, Carla (Coord. De textos). *História das mulheres no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2000

SANTIAGO, A.et al. *Mulheres Machadianas: Submissão e resistência*. Bahia: UESC,2009

SANTOS, Acácio Luiz. *Erosão do ser ético nos romances de Machado de Assis*. Disponível em:< www.filologia.org.br/machado_de_assis> Acesso em: 26 de Jun. 2015

SANTOS, Ramaiane Costa; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. *O antes, o depois e as principais conquistas femininas*. Revista Anagrama.1. ed. São Paulo: 2011

SCHWARZ, Roberto. Duas meninas. *A poesia envenenada de Dom Casmurro*, - São Paulo: Campanha das letras, 1997. (p. 9-41)

SEGATO, Rita Laura. *Os percursos do gênero na antropologia e para além dela*. Bahia: Série Antropologia, 1998

SILVA, Joel Nolasco Queiroz de Cerqueira e. *As representações de casamento e honra na literatura médica e ficcional dos oitocentos*. Simpósio nacional de História. 26. ed. Natal: 2013

SOUZA, Moisés Raimundo de. *A personagem feminina na primeira fase Machadiana: Helena e Iaiá Garcia*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2007